

### Da Sustentabilidade a uma Ética do Cuidado: provocações à Educação Profissional e Tecnológica

*From Sustainability to an Ethics of Care: provocations for Professional and Technological Education*

**Recebido:** 13/09/2024 | **Revisado:** 03/10/2024 | **Aceito:** 04/10/2024 | **Publicado:** 11/12/2024

**José Cavalcante Lacerda Junior**  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9697-8377>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas  
E-mail: [jose.cavalcante@ifam.edu.br](mailto:jose.cavalcante@ifam.edu.br)

**Taisa Lorene Sampaio Farias**  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5323-3316>  
Universidade Federal do Amazonas  
E-mail: [taisa.lsf@gmail.com](mailto:taisa.lsf@gmail.com)

**Como citar:** LACERDA JUNIOR, J. C.; FARIAS, T. L. S. Da Sustentabilidade a uma Ética do Cuidado: provocações à Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 2, n. 24, p. 1-18 e17693, dez. 2024. ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

#### Resumo

As urgências ambientais atravessam e mobilizam a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no que diz respeito à necessidade de um agir ético. A Ética do Cuidado emerge como modo de atuar no mundo e agir profissionalmente. O artigo em cena, tem por finalidade se constituir como uma provocação à EPT diante das questões ambientais e apontar algumas pistas reflexivas acerca de seu processo. Para tanto, estrutura-se a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental que articulam o fenômeno investigado, ressaltando os elementos que baseiam a noção do cuidado. Como resultado apresenta três provocações da Ética do Cuidado à EPT: reconhecimento de si e do fazer; compreensão como processo e responsabilidade para com nossa casa-comum.

**Palavras-chave:** Educação Profissional e Tecnológica; Sustentabilidade; Cuidado; Ser humano.

#### Abstract

Environmental urgencies intersect and mobilize Professional and Technological Education (PTE) with regard to the need for ethical action. The Ethics of Care emerges as a way of acting in the world and behaving professionally. This article aims to serve as a provocation to PTE in light of environmental issues, pointing to some reflective insights about its process. To this end, it is structured based on bibliographic and documentary research that articulates the phenomenon under investigation, highlighting the elements that underpin the notion of care. As a result, it presents three provocations from the Ethics of Care to PTE: self-recognition and awareness of one's actions; understanding as an ongoing process; and responsibility for our common home.

**Keywords:** Professional and Technological Education; Sustainability; Careful; Human being.

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) caracteriza-se como uma modalidade educativa marcada pela integração com o mundo do trabalho, ciência e tecnologia. Sua organização no Brasil está vinculada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), vinculando-a aos distintos níveis e modalidades, visando promover uma formação que contemple a prática profissional e o exercício de cidadania. Esta configuração se materializa a partir de eixos tecnológicos e envolve cursos de formação inicial e continuada (FIC), educação profissional técnica de nível médio (EPTNM), Educação Profissional Tecnológica de Graduação e Pós-Graduação (Brasil, 1996).

Como resultado de um processo histórico, a EPT se estrutura a partir de abordagens práticas ou “tecnicistas”, por vezes, acentuando discrepâncias e dicotomias (Frigotto; Ciavatta, 2012). Para além das tradicionais ênfases no domínio de habilidades técnicas, a EPT é um *lócus* privilegiado para catalisar e dispersar “fazeres” e “saberes” que aglutinam um repensar e outra forma de lidar com o processo formativo e sua interface com o mundo do trabalho.

Nesta conjuntura, se a EPT possui como fundamento conceitual o trabalho como princípio educativo, a formação caracterizada pelo humanismo e integralidade e um fazer politécnico, as urgências ambientais devem provocar a necessidade de um agir ético. O processo formacional na EPT não deve estar assentado apenas em uma formação técnica e tecnológica. O cenário contemporâneo impõe que o processo formativo seja essencialmente ontológico, isto é, incida outro modo de tratar e conviver com a Terra. Os significativos indicadores das mudanças climáticas imputam um imperativo ético à EPT: aproximar cada vez mais sujeitos (seres humanos) com as questões do ambiente (social e natural).

A EPT, em seus meandros formativos, pode assumir um papel fundamental neste contexto à medida que oportuniza a afirmação de uma Ética do Cuidado como modo de agir profissionalmente e atuar no mundo. Sendo assim, o artigo em cena se estrutura a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental que articulam o fenômeno investigado. Para tanto, utiliza-se como fio teórico a noção de sustentabilidade construída no contemporâneo, ressalta os elementos que baseiam a noção do cuidado, em especial o apresentado pelo filósofo Martin Heidegger (2001; 2008), e as provocações que a Ética do Cuidado pode incidir a EPT.

Assim, o artigo em cena tem por finalidade se constituir como uma provocação à EPT diante das questões ambientais e apontar algumas pistas reflexivas acerca de seu processo. Como uma abordagem holística, a Ética do Cuidado incide no processo educativo a construção de um saber ambiental que visa não apenas a dimensão técnica, mas o cuidado sensível, solidário e inclusivo das inúmeras camadas que consideram a integralidade da relação ambiente e pessoa.

## 2 A SUSTENTABILIDADE COMO EXPRESSÃO DO CONTEMPORÂNEO

A relação do ser humano com o ambiente possui um destaque significativo entre os pré-socráticos, na Grécia antiga. O entendimento acerca de si e seu lugar no mundo impetraram, a partir de tais pensadores, uma visão totalizante e sem segregações entre natureza e seres humanos (Froehlich, Braidá, 2010). Tal perspectiva ética, contudo, não se espalha em todo o contexto histórico, uma vez que elementos filosóficos, como de Protágoras (o homem é a medida de todas as coisas) e de Platão (a ideia como princípio não material do mundo sensível), demarcam um dualismo. A relação entre ser humano e ambiente se desintegra e ordena-se a partir de um movimento de sobreposição do *logós* sobre o mundo natural. Esse espectro ressoa e se consolida com o viés teológico do cristianismo, onde a cidade dos homens é o antepasso à cidade de Deus (Reale; Antiseri, 2003).

É na modernidade que tal relação apartada fica ainda mais evidente. A incidência antropocêntrica aglutina o sujeito à construção da racionalidade moderna, que consolida nas suas abordagens filosóficas e científicas a distinção entre homem (racional e artífice) e natureza (domesticada e passiva). O projeto de modernidade se traduz em um desejo de progresso ilimitado a partir da atomização do saber e da exploração dos recursos naturais (Boff, 2015). Neste contexto, o trabalho, como ação humana, constrói o mundo objetivo e transforma a natureza. O trabalho, ainda, é uma transformação do próprio ser humano, distinguindo-o dos demais seres e conduzindo a novas necessidades de vida.

O trabalho constitui-se como um processo, onde o ser humano regula sua interação com a natureza, realizando, dessa forma, sua vida (Marx, 1988). Essa perspectiva, também, transcorre na base dos pensadores contratualistas, ao distinguirem o estado civil em detrimento do estado da natureza. “[...] A extensão da Terra que um homem lavra, planta, melhora, cultiva, cujos produtos usa, constitui a sua propriedade. Pelo trabalho, por assim dizer, separa-a do comum” (Locke, 1983, p.47). A propriedade perpassa do estado comum, onde a natureza concede a todos os meios de subsistência, para uma valorização deste meio a partir do esforço do trabalho. É pelo trabalho que a propriedade se valoriza.

Ainda na modernidade, além do pensamento filosófico, a Ciência tecerá seu significado a partir do domínio do homem sobre a natureza. A chamada Revolução Científica, ocorrida nos séculos XVI e XVII, criou uma ciência moderna baseada na filosofia natural e na matemática (Gomes; Barroso; Paschoalino, 2019). Os fundamentos metafísicos são orientados para a física. O conhecimento passa de uma ação especulativa a uma explicação finalista dos fenômenos com inteligência mecânica. Surge o conhecimento das leis necessárias e universais que regem os fenômenos naturais para a análise do universo. A ciência não busca apenas compreender a realidade, mas, essencialmente, explorar a natureza e descobrir os parâmetros que regulam seus fenômenos (Reale; Antiseri, 2003).

Para tanto, a aplicação da matemática nos estudos da natureza, a partir de Galileu, a dúvida metodológica imersa numa abordagem racionalista, a partir de Descartes, e a avaliação do método experimental, a partir de Bacon, são alguns dos pilares que apoiam a construção da ciência moderna. Caso contrário, a ciência

moderna se constituirá em torno do secularismo, de uma linguagem matemática, da construção de métodos racionais e experimentais, de ideais progressistas e de dispositivos técnicos (Lara, 2001).

A situação contemporânea apresentada interfere em outras formas de compreensão da realidade. Seja através da filosofia ou da ciência, é necessário superar a fragmentação do conhecimento, o domínio do individualismo antropocêntrico e a obediência cega aos ditames do capital. Se a modernidade destaca, na relação homem-natureza, o poder do capital e a exploração dos recursos naturais. O Contemporâneo exige uma proposta sistemática que proteja tanto o ser humano quanto o ambiente (Capra, 2006; Capra; Luigi, 2014).

Nas últimas décadas, ocorreram várias iniciativas em busca de alternativas para melhorar a relação entre o ser humano e o meio ambiente, entre elas a Sustentabilidade. Encontros e conferências, como a Eco 92 e a assinatura do Protocolo de Kyoto, em 1997, motivam tanto o setor público quanto o privado a refletir sobre a situação ambiental do planeta. Nesse contexto, as questões que envolvem a possibilidade de integração entre desenvolvimento econômico e ambiente são salientadas. Ressalta-se a emergência do primeiro momento nessa dinâmica: a noção de desenvolvimento sustentável. De forma ampla, o desenvolvimento sustentável engloba uma série de metas desejadas ao longo do tempo, o que a torna extremamente dinâmica ao tentar compreender e propor formas de relacionamento entre o ser humano e a natureza ao longo dos anos.

Com discussões que se originam desde o Grupo de Roma e a Conferência de Estocolmo, o conceito de Desenvolvimento Sustentável ganha alcance global em 1987 com a publicação do Relatório Brundtland. Neste relatório, esta categoria é apresentada como o progresso em direção a um mundo duradouro, capaz de atender as demandas atuais sem prejudicar a capacidade das próximas gerações de garantir suas próprias necessidades (CMMAD, 1988).

O Relatório Brundtland, ainda, apregoa a definição de desenvolvimento sustentável como satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as suas próprias necessidades (CMMAD, 1988). Nesta esteira, o Desenvolvimento Sustentável emerge como uma primeira síntese instituída no bojo daquilo que se nomeia como paradigma da Sustentabilidade (Grandisoli; Jacobi, 2020). Este conceito enfatiza a interdependência entre o desenvolvimento econômico, a justiça social e a proteção ambiental. O fundamento é a crença de que o crescimento econômico deve ser orientado para a redução da pobreza e da desigualdade, protegendo simultaneamente o ambiente. Para tanto, esta perspectiva está centrada em um tripé: ambiental, social e econômico.

No pilar ambiental, aglutina-se a conservação dos recursos naturais e a redução do impacto ambiental das atividades humanas. Enfatiza, ainda, a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas, a conservação da biodiversidade, o uso dos recursos e a redução de poluentes. No pilar social, há uma ênfase em temas como justiça, igualdade e bem-estar das pessoas. Esta perspectiva busca o acesso à igualdade de oportunidades, a condições de vida dignas e à participação nos processos de tomada de decisão. Por fim, no pilar econômico, tem como foco a viabilidade das atividades financeiras, no desenvolvimento que pode ser

economicamente sustentável ao longo do tempo. Neste elemento, há a preocupação com a utilização mais eficiente dos recursos, uma inovação e um crescimento econômico.

Importante destacar que, além destes pilares, há uma multiplicidade de outras variáveis. Imerso na experiência latinoamericana, por exemplo, Ignacy Sachs amplia tal fundamentação indicando o pilar político e territorial, por exemplo, como parte de um imperativo ético de solidariedade que deve acontecer em um duplo movimento: sincrônica em relação a atual geração e diacrônica em relação às futuras gerações (Sachs, 2008). Esse processo está assentado numa abordagem holística e interdisciplinar (Sachs, 2009a), que considera um desenvolvimento incluyente (Sachs, 2009b).

Com efeito, o desenrolar das múltiplas experiências, em especial no âmbito privado e na construção de programas e políticas públicas, a noção de desenvolvimento sustentável vai se configurando a partir do predomínio economicista. Do seu aparecimento até hoje, há uma diversidade de interesses e interpretações, que em torno da mesma gravita a crença comum de que a humanidade está ameaçada. Com o aprofundamento das discussões, o surgimento de outros elementos, o diálogo integrador com outros campos, nota-se uma adequação das discussões em um segundo momento deste processo, a predominância da categoria “Sustentabilidade”.

A noção de sustentabilidade se configura como um novo campo social, composto por diversos atores, regras específicas e contínuas mudanças. Sua importância e ampliação se configuram como um campo ou área específica. Nesta ótica, é possível dizer que “[...] perceber a sustentabilidade como um novo campo significa que a mesma deixou de ser um conceito, uma noção ou um valor, para se tornar uma arena de disputa com objetos, agente e regras próprias” (Nascimento, 2012, p. 46).

Enquanto campo, a Sustentabilidade se diferencia dos demais campos por: 1) não ser um campo estritamente disciplinar; 2) configurar-se na multidimensionalidade; 3) ser construída por uma profusão de vozes e práticas (Nascimento, 2012). Esse caráter interdisciplinar e polifônico da sustentabilidade agrega, contudo, um elemento em comum: participa do campo da sustentabilidade quem possui preocupação com o futuro da humanidade. Esse é o eixo central de acesso, pertencimento e partilha das nuances da sustentabilidade.

Nesse sentido, observa-se a existência de quatro (04) formas de entender tal ameaça dentro do bojo da sustentabilidade: 1) Comprometimento do planeta no que diz respeito a sua manutenção; 2) A vida, e não unicamente o planeta, estaria ameaçado; 3) O gênero humano seria extinto; 4) Degradação das condições de vida da humanidade (Nascimento, 2012). Além dessas formas, nota-se uma crítica a nomeado paradigma da Sustentabilidade ao enfatizar a predominância do “local para global”, onde se atribui a responsabilidade pela Sustentabilidade a indivíduos isolados com demandas apolíticas como descarte seletivo, banhos mais curtos e menos aberturas da geladeira durante o dia, entre outros (Grandisoli; Jacobi, 2020). E ainda,

Sustentabilidade tornou-se um termo vigilante para reajustar o processo econômico, as práticas sociais e os comportamentos pessoais à fim de devolver o equilíbrio à vida. Porém, abrir as vias à sustentabilidade da vida implica bem mais que aceitar os enferrujados e desgastados mecanismos econômicos para a 'gestão ambiental'. A sustentabilidade implica construir fronteiras e estabelecer limites ao sistema econômico, ainda que a própria racionalidade econômica tenha mostrado sua indisposição e sua incapacidade para se recompor internalizando as condições termodinâmicas e ecológicas da vida. A sustentabilidade, tornou-se, assim, um sonho impossível [...] (Leff, 2021, p. 21).

Em um planeta cada vez mais globalizado e marcado pela complexidade das interações, um terceiro momento desta interface contemporânea indica que a Sustentabilidade, elaborada e firmada nas sínteses anteriores, não é mais suficiente. A incidência das mudanças climáticas (recorrência dos eventos, amplificação e o ritmo acelerado) apregoa uma correlação direta com as críticas consequências para as pessoas e o ambiente. Essa perspectiva expressa a necessidade de compreender esse movimento a partir da regeneração (Nascimento, 2024).

O mais recente relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) aponta que o mundo enfrenta uma convergência de mudanças ambientais, tecnológicas e sociais que afetam diretamente a saúde humana e planetária. Para enfrentar esses desafios emergentes, é essencial aprimorar os mecanismos de monitoramento e resposta. O relatório destaca transformações globais cruciais, como a degradação ambiental e o avanço da inteligência artificial, que amplificam a crise climática global, a perda de biodiversidade e a poluição. No entanto, ele também aponta que, com as devidas ações, é possível evitar erros do passado e focar em soluções resilientes, capazes de proteger e cuidar tanto do planeta quanto da saúde das pessoas em meio a futuras crises (ONU, 2024).

Vive-se uma urgência para com atividades regenerativas (Nascimento, 2024). Na produção agrícola, por exemplo, é necessário reduzir práticas de monocultura e o uso excessivo e mortal de pesticidas, bem como encorajar a agrofloresta como prática necessária de restauração da biodiversidade. Outro exemplo, ainda, é no âmbito da economia o fomento das transações locais e circulares, com adoção de tecnologias que possam fomentar essa dinâmica.

Assim, o reconhecimento do percurso feito até aqui é um chamado a reconhecer empiricamente o que queremos sustentar? As urgências ambientais experimentadas nos últimos anos não titubeiam nesta resposta: a vida em sua abrangência e diversidade. A sustentação da vida como radicalidade da existência incide em verificar os meios que dão condições à sustentabilidade da vida (Leff, 2021). Nesse ínterim, torna-se imperativo uma ontologia ecológica que provoque nossos hábitos, valores, princípios e práticas.

### 3 ELEMENTOS FUNDANTES DO CUIDADO

A compreensão da realidade é orientada pelas interações e articulações que permeiam o todo nas partes e as partes no todo (Morin, 2007). Portanto, o conhecimento também é complexo. O cenário atual é o de uma rede que convoca a conexão e o reconhecimento de estilos de vida e saberes que privilegiam uma racionalidade diferente da estrita lógica moderna. Essa racionalidade é ambiental (Leff, 2015). Os problemas ambientais contemporâneos não apenas apresentam e criticam o modelo social vigente, mas também promovem a necessidade de uma racionalidade que utilize elementos letárgicos durante a modernidade, racionais e antropocêntricos.

É nesse contexto que o cuidado, como modo interno de ser humano, deve ser problematizado entre fundamentos conceituais da EPT contemporânea. Como ser histórico, o homem não consegue distinguir a consciência do fato da existência, ou seja, como ser-no-mundo, desenvolve uma textura hermenêutica claramente situacional e temporal. Esta caracterização do homem materializa-se nas condições cotidianas, que se manifestam através do contato direto com os outros e com o mundo. Assim, o cuidado diz respeito a todas as experiências humanas, pois define o seu ser (Heidegger, 2008), portanto, trata-se de formação profissional.

A abordagem fenomenológica-existencial de Heidegger proporciona uma perspectiva única sobre o conceito de cuidado. Sua compreensão transcende a preocupação puramente prática ou emocional. Em sua construção filosófica, o cuidado está entrelaçado como condição fundamental da existência humana e é central para o seu conceito de *Dasein*, que se refere aos seres humanos. Heidegger enfatizou que o *Dasein* é essencialmente cuidadoso, enfatizando a responsabilidade e a preocupação inerentes aos indivíduos pela sua própria existência e pelo mundo que os rodeia (Heidegger, 2008).

O cuidado é manifestação do ser humano como sujeito de sua autorrealização, o que significa dizer que não se restringe a uma teorização da ação e presença humana do mundo. O cuidado mobiliza a própria condição humana, que se articula em mudanças, conexões, reverses e dinâmicas, que ora integra e ora projeta. Dessa forma, o cuidado sinaliza um traço fundante da presença do ser humano no mundo. Estando no mundo, participando do mundo e construindo o mundo, o ser humano integra sua condição e estabelece seu modo de ser, isto é, cuidado.

Pelo cuidado, tanto os objetos quanto as pessoas, manifestam-se em presença e como projetos e como um suporte vital para cada indivíduo. O cuidado permeia a trajetória de nossa existência, tanto formalmente quanto ontologicamente, influenciando a criação de padrões de comportamento e simbólicos específicos. Seja na sua máxima autenticidade, em um sentido mais amplo ou até mesmo em sentido impróprio, o vínculo entre o ser humano e o mundo é sempre mediado pelo cuidado (Duarte, 2017).

E o que caracteriza o cuidado? O cuidado caracteriza-se pela sua existencialidade (o cuidado é a essência da existência), pela sua facticidade

(presentifica-se nos fatos) e pela decadência (a mobilidade da existência nela mesma). O cuidado é a implicação existencial do ser humano que revela a intenção em se tornar o que ele se caracteriza (Heidegger, 2008). Essa compreensão pode melhor ser compreendida na ilustração mítica latina, a qual narra a origem do deus Cuidado.

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Esse tomou a seguinte decisão que pareceu justa: 'Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob os seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil' (Boff, 2001, p.46).

Em consonância à narrativa mítica, a constituição do ser humano surge quando Cuidado lhe molda e conserva sua existência a partir de sua proteção. Nessa esteira, o sentido etimológico da palavra cuidado, a qual pode derivar do latim *cura/coera* ou *cogitare/cogitatus*, revela uma dupla compreensão, que diz sobre o modo de ser do ser humano e sua interface com o outro no mundo. No primeiro sentido, destaca “desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato” (Boff, 2001, p.91). No segundo, revela “a atitude de cuidado, de preocupação e de inquietação pela pessoa amada ou por um objeto de estimação” (Boff, 2001, p.91).

Esse entendimento evidencia que o cuidado é parte integrante da condição ontológica, ou seja, o ser humano diante da existência não apenas zela como também cuida daquilo que está ao seu redor. É ele, o ser humano, cuidado (Heidegger, 2008; Boff, 2001). Pelo Cuidado, o ser humano institui e é instituído em uma relação que promove uma existência autêntica para consigo e com o meio no qual está inserido. Quanto mais fiel às suas condições existenciais, maior o envolvimento do entorno em seu projeto, o que constitui modos de consolidar existência como um ser de cuidado.

O cuidado como singularidade do ser humano coaduna um comprometimento com as experiências do existir que pululam no entorno. Existir é cuidar e cuidar perpassa por circunstâncias, que estão aquém e além do nosso domínio. Em meio a cada evento e situação, o cuidado vela e desvela horizontes em um projeto orientado por inúmeros indicadores. Essa trajetória não permite uma restrição fadada à

satisfação sensorial de sua corporeidade, mas envolve questionamentos, sentidos, percepções que tendem a uma existência atuante e mergulhada em situacionalidades.

O cuidado constitui-se como um elemento ético, que vislumbra a adoção de rumos que conduzem o ser humano a tomada de decisões, incluindo aí a sua existência e o ambiente no qual está inserido, elementos-base para uma opção pelos elementos que valorizam o convívio coletivo, a preservação/conservação de nossa casa comum. O cuidado, em sua cotidianidade, expressa uma relação do ser humano com o ambiente fundada em um vínculo que pressupõe uma correlação e complementaridade, ou seja, não é possível estabelecer uma distinção entre aquilo que é artefato humano e aquilo que é elemento natural. Essa compreensão sinaliza que a existência cotidiana elimina duas ilusões modernas.

A primeira ilusão diz respeito a ideia de que é possível conceber um ser humano apartado da natureza, como se fosse possível cindir a existência de um lado com um *res cogita* (coisa pensante) e de outro com um *res extensa* (coisa material), como apregoou as bases racionais do cartesianismo (Descartes, 1979). A existência perpassa uma totalidade, um holismo, que articula o todo nas partes e as partes no todo. “[...] tudo tem a ver com tudo em todos os momentos e em todas as circunstâncias” (Boff, 1999, p.30).

A segunda ilusão é a compreensão da natureza como fonte inesgotável de recursos naturais, onde o ser humano é o seu detentor. Em tal ilusão, a natureza é medida, mercantilizada e utilizada enquanto a engenhosidade do ser humano estabelece a forma de sua exploração. Os sinais e eventos climáticos extremos, cada vez mais, sinalizam que não existe uma fonte inesgotável a ser explorada, mas uma realista e urgente postura sustentável que sinalize outro modo de ser com a natureza. O ser de cuidado postula não mais um paradigma estritamente antropocêntrico sobre a natureza, mas de uma complementaridade.

Como ser de cuidado, o ser humano se configura no mundo, nossa *Eikós*, que do grego quer dizer, justamente, casa. O cuidado como essência da existência evidencia a necessidade de compreender o mundo/natureza não como objeto, sujeito aos caprichos da racionalidade humana, mas como uma grande casa, onde qualquer ente possui sentido para o ordenamento do todo ambiental. E ainda, reabre no ser humano sua existência como responsabilidade sobre si e sobre o mundo, o que pode deslocar o utilitarismo de outrora por um reequilíbrio necessário do agora.

O cuidado, como essência da existência, é, assim, ambiental. Ao se relacionar com o seu entorno, o ser humano pressupõe um estar com-o-outro que não cabe na polaridade eu-outro, mas como distensão do ser-com-os-outros (Heidegger, 2008). A lógica que funda essa compreensão não é o “eu” e nem somente o “outro” como categorias individuais e dissociadas, mas é a própria relação estabelecida na reciprocidade. A realidade é sempre uma relação mútua (Heidegger, 2001). O cuidado é relação e a relação do ser humano com o ambiente é, portanto, de reciprocidade.

Sendo assim, o cuidado é ambiental, pois nos permite uma convivência relacional pactuada na complementaridade. Tanto seres humanos quanto a própria natureza são elementos integrantes de uma grande casa. O cuidado ambiental constitui-se na relação como radicalidade do modo de existir do ser humano com a

natureza, daí precisamos pensar, refletir, produzir, construir e compreender as relações ser humano-ambiente.

A relação com algo ou alguém, na qual eu estou, sou eu. Entretanto, “relação” não deve ser objetivamente entendida aqui no sentido moderno, matemático de relação. A relação existencial não pode ser objetivada. Sua essência fundamental é ser aproximado e deixar-se interessar, um corresponder, uma solicitação, um responder, um responder por base no ser tornado claro em si da relação (Heidegger, 2001, p. 202).

O cuidado como modo de ser do ser humano estrutura a existência no mundo com os outros humanos. A pessoa, como ser-no-mundo, é um ser-com-os-outros, onde as relações fundamentam o cotidiano. O cuidado é a realização do ser humano, uma vez que revela o ser-com-os-outros não para a formação de uma coletividade uníssona ou uma diluição dos entes no todo, mas como sinalização de compartilhamento de modos igualmente existentes que também anseiam por autorrealização. Fernandes (2011) afirma que o “ser-com” é, portanto, a base do “nós”. O “nós” não é simplesmente o resultado da soma dos “eus”. Ele se forma a partir do pertencimento comum dos seres humanos no “ser-com”, à medida que eles compartilham e participam juntos da existência, do mundo e da história.

O cuidado preserva a individualização de cada um e indica que todos estamos juntos no existir. Essa condição é fundamento da construção existencial de cada um a partir do poder-ser. A existência é, também, “costurada” no momento em que o outro incide no existir. Esta relação do eu com o outro é orientada pela partilha (como ação ou omissão) do contexto inserido. Portanto, o cuidado ambiental significa uma ocupação e uma preocupação atravessada de sentidos e afetos para com o outro, no caso desse texto, para com a natureza.

Como raiz do ser humano, a Ética do Cuidado pode ser compreendida como presença e como ser-no-mundo-com-outros, a qual conserva sua historicidade ao passo que se projeta para um futuro dinâmico. A ética do cuidado como elemento característico da existência sinaliza para a condição vivida no momento, isto é, os iminentes perigos que circundam a existência humana e sua interface com a natureza. A ética do cuidado é uma exigência do hoje e clama sua presença contínua no processo formativo que atravessa a educação.

Assim, a noção de cuidado expressa por Heidegger pode se configurar em diversas perspectivas, aplicações e, principalmente, provocações no campo da EPT. A compreensão do agir humano, na Ética do Cuidado, transcende o individual e permeia práticas que podem corroborar com a sobreposição de ações pragmáticas e utilitaristas para uma prática radical que envolva a aceitação e o entendimento de si, do outro e do mundo em uma interação de ser e atuar no mundo. Essa condição necessita atravessar os “saberes” e os “fazeres” da EPT.

## 4 PROVOCAÇÕES À EPT A PARTIR DA ÉTICA DO CUIDADO

Imerso no contexto contemporâneo, a Ética do Cuidado se torna um conceito fundamental. Sua compreensão e sua interface com a EPT podem nos provocar em direção a uma ontologia ecológica mais integrada, à medida que salienta a valorização das relações humanas e responsabilidade mútua entre os atores da comunidade formativa: estudantes, professores e entorno. Diferentemente de outras abordagens, que por vezes priorizam o desenvolvimento de habilidades e competências técnicas específicas, a Ética do Cuidado se constitui no próprio sujeito a partir de uma perspectiva holística, onde o processo educativo incorpora uma ética, transcendendo a mera transmissão de conhecimento.

O cuidado como princípio ético fomenta uma formação profissional que destaque as habilidades tecnológicas, mas também envolva os sujeitos em uma vivência do mundo que aglutina um agir com responsabilidade social e ambiental. Se historicamente, no Brasil, a EPT se constituiu, em vários momentos, a partir do atendimento às demandas do setor produtivo do capital (Boanafina, 2024). A urgência ambiental contemporânea incita os diferentes segmentos da EPT e seus variados atores, públicas e privadas, como o Sistema S (Senai, Senac, Senat, por exemplo) e os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) a assegurar uma mudança de postura e saber diante da existência imediata.

O processo formativo do sujeito como cidadão no/com/para o mundo, torna-se cada vez mais uma estratégia que considera a rota ambiental e sua incidência na existência. Essa perspectiva deve transitar de um antropocentrismo racional para um *ethos* sistêmico e complexo, que evidencie a imediatez da sobrevivência nesta Gaia. Por isso, algumas provocações se tornam fundantes para articular um agir ético, baseado no cuidado, nos “saberes” e “fazeres” da EPT.

### 4.1 PROVOCAÇÃO ONTOLÓGICA: RE-CONHECIMENTO DE SI E DO FAZER

O antropocentrismo, centrado no racionalismo e na técnica, como expressão do sujeito moderno, não encontra mais aderência frente às urgências ambientais do contemporâneo. A exploração dos recursos naturais como impulso para os métodos de produção e para a noção de civilização representam uma busca incessante pelo desenvolvimento que procura concentrar as ações sociais e os saberes na crença de que o progresso das técnicas e tecnologias poderiam controlar a natureza e estabelecer o ser humano como o epicentro de todas as coisas (Leff, 2021).

A crise da razão instada no século XIX e XX por pensadores como Darwin, Nietzsche e Freud incide na necessidade desta provocação como essencial para enfrentar os desafios atuais relacionados ao meio ambiente: o ser humano não é o ápice de um ecossistema. O ser humano não age, exclusivamente, pela prudência da lógica. O ser humano é atravessado por instâncias para além da consciência. Somos um ser-aí, isto é, o único que “jogado” na existência, tem consciência do seu ser e se constitui num conjunto de possibilidades (Heidegger, 2001; 2008).

Reconhecer a si é o modo de existência do ser humano. Essa condição é terreno fértil das possibilidades dadas pela existência. Ora, conhecer a si é reconhecer, neste momento, os limites do crescimento econômico, os dilemas ambientais e a urgência de outro mundo possível. Constituir-se como cuidado é reconhecer a si e o seu fazer. Esta condição ética não é um envelopamento de uma condição mediante regras e ditames morais, mas um cenário constitutivo de consciência do que está acontecendo.

Essa condição é a primeira provocação à EPT: reconhecer o que somos incide na transmutação de um processo que não privilegie o pragmatismo e o fazer técnico. A formação de um cidadão e, conseqüentemente, de um profissional ético implica em uma formação integral (Oliveira; Pantoja; Azevedo, 2019) que se traduz em experiências pessoais sincronizadas ao contexto. Isto é, a formação para o mundo (e para o trabalho) não se reduz a uma excelência técnica-tecnológica profissional distinta da vivência do contexto em que desempenha uma função. Mas, se amplia em uma formação profissional pautada pela responsabilidade e compromisso para com si e com nossa casa-comum.

O reconhecimento de si e do fazer, como exercício da Ética do Cuidado, provoca à EPT neste “lugar” da dicotomia por vezes engendrada na separação e distinção da profissionalização, ocupada pela técnica, com as situações pessoais e contextuais experimentadas no bojo do cotidiano. O tecnicismo que, ainda, alimenta o fazer da EPT precisa abrir espaço para vivências e experiências fora do espaço formal. A integração com o mundo fabril, com a comunidade do entorno e com os arranjos produtivos da cidade podem permitir a superação de métodos e modelos “tecnocêntricos” para uma formação consciente e dialógica de experiências contemporâneas (Oliveira; Pantoja; Azevedo, 2019).

Essa provocação se erige como uma transgressão ao tecnicismo e uma ênfase à condição existencial do sujeito, o qual fomenta um entendimento integrador da sua condição humana. O comprometimento com uma formação abrangente e contínua dos sujeitos na EPT, em suas variadas habilidades, implica uma prática educativa onde a técnica está sempre sujeita ao propósito social que molda uma “casa” melhor (Araújo; Frigotto, 2015; Leff, 2021).

E ainda, o reconhecimento de si e do fazer é um processo de fruição ontológica que acontece no presente. As questões ambientais, no âmbito da EPT, problematizam uma reflexão que nos faz questionar a maneira como lidamos com a vida e desta forma nos debruçamos em nós mesmos. A interação do ser humano consigo mesmo, mediada pelo cuidado com as questões ambientais, é um fruir que se dinamiza em uma experiência unitária com o mundo.

O planeta tornou-se uma enorme sala de aula, uma oficina imensa e um campo aberto de disputas. Encontrar as formas adequadas de interagir com os semelhantes e com a natureza é um desafio tremendo para um jovem. [...] sem fruição, a produção humana é uma absoluta frustração. Educar à fruição é tarefa difícilíssima, mas indispensável [...]. Formar os seres humanos para a fruição adequada e igualitária dos

bens produzidos pelos semelhantes é um dos principais objetivos da escola (Nosella 2007, p.149).

Assim, a primeira provocação diz respeito ao elemento ontológico da EPT, isto é, o ser humano é uma construção radical de si e do mundo em um processo que se retroalimenta com o ambiente. Essa provocação diz da necessidade de olhar para si como estratégia de sobrevivência frente às urgências ambientais e humanização do fazer como horizonte de integralidade. Essa condição implica uma formação profissional, técnica e tecnológica, baseada nas relações de solidariedade e cooperação.

#### 4.2 PROVOCAÇÃO EPISTEMOLÓGICA: COMPREENSÃO COMO PROCESSO

O ser humano é um ser de interdependência. Sem sofisticação e nem hipocrisia, somos seres dependentes. O contexto inserido incide na necessidade de compreender esse processo. Compreender pressupõe a abrangência e a inclusão não apenas de uma ou outra parte, mas a conexão com todas as partes que envolvem o todo. Há uma assimilação de um com o outro. A urgência de nosso tempo não interpõe uma representação teórica em categorias do que está acontecendo. O contexto remete a uma assimilação do vivido, isto é, apreender as partes com as mãos e costurar em um todo. Compreender é um caminho que envolve projeção (eu em relação aos outros) e identificação (do outro para si), materializando-se como um processo de distinção do eu para com o outro, mesmo na interação (Morin, 2005b).

A compreensão como processo diz respeito a um percurso que não se situa apenas no campo interpretativo ou representacional entre o ser humano e o ambiente. A Ética do Cuidado não situa o agir como um dever moral conforme a realidade. O agir ético consiste na referenciação ontológica que se espraia no ambiente, como destacado na primeira provocação, e costura as questões interpostas ao contemporâneo em um mergulho-situado.

Sendo assim, essa é a segunda provocação à EPT: a compreensão como processo é um entendimento pautado na religação contínua das práticas e memórias produzidas na EPT. Essa dinâmica não aparece como algo suspenso da realidade, mas uma epistemologia histórica e temporal. Como um processo, a compreensão se configura na assimilação dos conceitos, percepção do ambiente, identificação dos valores e potencialização das atitudes pró-ambientais, que interagem na formação no decorrer do processo.

A compreensão é, além da religação dos saberes, um instrumento que pode auxiliar na religação dos sujeitos da EPT com o ambiente. Religar-se ao ambiente é, fundamentalmente, reconhecer-se como pessoas que se interrelacionam com outros elementos e outras pessoas na teia da vida. Relaciona-se consigo mesmo em suas fontes biológicas, psíquicas e sociais. Relaciona-se com a outridade à medida que o ser, também, se constitui como totalmente diferente. Relaciona-se com o ambiente, *locus* da existência e da vida (Morin, 2012).

As variedades de práticas e narrativas que circundam a EPT necessitam integrar o cuidado como fio que “costura” a multiplicidade de suas propostas. Para tanto, se a primeira provocação é uma transgressão, a segunda é uma convocação: a EPT não pode mais ser constituída exclusivamente no espaço da sala de aula. A compreensão como processo fomenta religação, para além da díade professor-aluno, com instituições e políticas públicas que vislumbram o caminho ambiental como alternativo aos colapsos vivenciados.

Assim, tal provocação é uma dilatação à forma como a pessoa incorpora sua noção de si e seu fazer em nossa casa-comum. “[...] Todo olhar sobre a ética deve perceber que o ato moral é um ato individual de religação; religação com outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana” (Morin, 2011, p.21-22). A segunda provocação diz do modo da Ética do Cuidado se expressar: o olhar do ser humano para si e seu lugar no mundo é uma ação costurada em um presente interdepende de outros elementos que complexificam o existir.

#### 4. 3 PROVOCAÇÃO POLÍTICA: RESPONSABILIDADE PARA COM NOSSA CASA-COMUM

Tudo que acontece no ambiente impacta e interfere em nossa dinâmica vital. Os impactos das mudanças climáticas, os eventos extremos cada vez mais frequentes, o aumento das demandas urbanas devido ao crescimento populacional e econômico das cidades, a escassez de água potável em regiões áridas, a aceleração da perda de biodiversidade devido ao desmatamento e queimadas, e a proliferação de resíduos sólidos nos provoca: o pedestal do antropocentrismo e do racionalismo precisam ser destituídos pelo reconhecimento de nossa essência: vivemos uma casa comum.

O ser humano não pode ser considerado à parte, mas como um momento especialíssimo da complexidade das energias, das informações e da matéria da Mãe Terra [...]. Em outras palavras, nós não estamos fora nem acima da Terra. Somos parte dela, junto com os demais seres que ela também gerou. Não podemos viver sem a Terra, embora ela possa continuar sua trajetória sem nós (Boff, 2015, p. 89).

O entendimento das necessidades ambientais é também o entendimento das necessidades humanas. O reconhecimento de si e do fazer e a compreensão como processo incidem em uma responsabilidade para com nossa casa comum. Eis nossa terceira provocação. É preciso substituir a visão centrada no ser humano por uma abordagem abrangente e de diálogo entre indivíduo e meio ambiente. A interdependência deve acabar com a visão fragmentada e utilitária que existia anteriormente por um esperar que nos faça responsáveis pela nossa casa.

Na carta encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco ressalta esse ponto ao afirmar: “Não adianta apenas descrever os sintomas, se não identificarmos a origem humana da crise ecológica” (Francisco, 2016, p.83). O desafio ambiental que enfrentamos atualmente está diretamente ligado à própria essência do ser humano. Essa condição nos interpela, no âmbito da EPT, sobre a responsabilidade dos atores da EPT, em especial a atenção, neste artigo, aos docentes. Sem medo de entrar numa espécie de culpabilização ou sobrecarregar ainda mais a docência acerca dos históricos problemas socioambientais. Mas, recorta-se, aqui, a necessidade de assumir a responsabilidade pela nossa casa comum a partir dos professores.

E por que se faz isso? Porque é necessário entender que se responsabilizar é entender e agir no processo e, para tal, é necessário pensar a formação continuada dos processos na EPT como radicalidade. Para além das estratégias de inserção e promoção da Ética do Cuidado no processo formativo, torna-se imprescindível pensar essa responsabilidade pela formação dos professores que atuam nos mais diversos e múltiplos contextos que fomentam a EPT. É nessa ótica que a inserção, presença e permanência desses professores nos cursos, do integrado à pós-graduação, responde, não somente, à necessidade de formação continuada, mas oportuniza aos educadores o alargamento e aprofundamento de suas experiências investigativas.

Recorda-se que o desafio ambiental destacado compartilha de um contexto no qual o conhecimento científico perpassa por mudanças em seus paradigmas. A construção da Ciência, hoje, interpõe outros conhecimentos, outros saberes e outras participações sociais, tecendo uma complexidade que transcende a visão mecânica de outrora (Morin, 2005a). A formação continuada de professor deve acontecer, concomitantemente, a essa abertura aos paradigmas científicos hodiernos e na compreensão de que a formação investigativa ocorrida nas universidades pode auxiliar a construção de uma racionalidade ambiental (Leff, 2015).

Assim, essa perspectiva endossa a promoção e a problematização em torno da interligação de conhecimentos, das técnicas e dos saberes diferentes que vislumbram o desafio de nosso tempo e implica a compreensão de que as pessoas imbuídas dos conhecimentos sejam agentes de transformação da realidade na qual estamos inseridos. “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1996, p. 29). De outro modo, o processo de formação deve intencionar a construção de outras estratégias e conhecimentos que brotem da investigação e se constituam em instrumentos de compreensão e intervenção no mundo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as inúmeras tessituras que atravessam o contexto contemporâneo na maneira de como lidar com as questões ambientais, a Sustentabilidade emerge como uma expressão do contemporâneo. Dessa forma, o cuidado com nossa casa comum e a responsabilidade compartilhada entre educadores e educandos são pilares fundamentais de um agir ético que pauta as questões ambientais como radicalidade no existir hodierno. Se o século passado, marcado pelo racionalismo e

antropocentrismo, evidencia a força do capital e a exploração dos recursos naturais como características da modernidade, o século atual engendra a necessidade de uma proposição sistêmica que salvasse tanto o ser humano quanto o meio ambiente.

Há no contemporâneo uma expectativa de que é necessária uma nova mentalidade, uma nova postura, outra ética que direcione o agir humano em sua casa comum. A conservação dos biomas brasileiros, a intensificação dos eventos extremos e a transição da matriz energética implicam, por exemplo, em um urgente diálogo de tais problemáticas junto à conjuntura da EPT.

Mais que transmitir técnicas, a EPT se configura como um processo de transformação social, principalmente, quando é compreendida a partir da consciência que as pessoas podem ter de seu lugar no mundo. Ao compreender as conjugações e contradições presentes nas dinâmicas socioambientais, é possível instrumentalizar e fomentar as pessoas de condições que possam conceber formas de superação das dificuldades. A EPT é uma prática que se manifesta no ato das pessoas em seus processos de modificação tanto pessoal quanto social.

Assim, compreender essa perspectiva é postular uma formação profissional e tecnológica que não reduza o processo à transmissão de saberes vinculados a determinada profissão. Mas, reconhecer a partir do sujeito uma possibilidade de transformação de si e do mundo pelo cuidado com o ambiente. Essa condição é um princípio ético. A Ética do Cuidado não está vinculada a um imperativo abstrato que ordena o que deve e o que não deve. Mas, é preceito de existência e interação que se espalha na sua interface com o mundo.

## REFERÊNCIAS

BOANAFINA, Anderson. Educación Profesional y Tecnológica: formación de trabajadores en Brasil. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Natal, v. 2, n. 24, p.1-16,e15519, Ago. 2024. ISSN 2447-1801.

BOFF, Leonardo. **Ética da Vida**. Brasília: Letraviva, 1999.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. Petrópolis, 2015.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso no dia 20 de agosto de 2024.

CAPRA, Fritjof.; LUISI, P. Luigi. **A Visão Sistêmica da Vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix, 2014.

- CAPRA, Fritjot. **Ponto de mutação**. São Paulo: Cutrix, 2006.
- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DUARTE, Irene Borges. Cuidado e Pobreza em Heidegger. In. DUARTE, Irene Borges; SYLLA, Bernhard; CASANOVA, Marco. **Fenomenologia hoje VI: intencionalidade e cuidado**. 1.ed. Rio de Janeiro: VV, 2017.
- FERNANDES, Marcos Aurélio. O cuidado como amor em Heidegger. **Revista Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 17, n.2, p.158-171, dez. 2011. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200007&lng=pt&nrm=iso). Acessado no dia 19 de agosto de 2024.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS Marise. (Org.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FROEHLICH, José Marcos; BRAIDA, Celso Reni. Antinomias pós-modernas sobre a natureza. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.17, n.3, p.627-641. 2010.
- GOMES, Carolina Maria Vieira; BARROSO, Marco Antonio; PASCHOALINO, Priscila. Ciência e Religião, uma genealogia da modernidade. **Mediação**, Minas Gerais, n.09, p. 5-13, jan-ago, 2019.
- GRANDISOLI, Edson; JACOBI, Pedro Roberto. O paradigma da sustentabilidade. **Instituto de Estudos Avançados da USP—IEA USP**, 2020. Disponível em <http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-institucionais/usp-cidades-globais/artigos-digitais/o-paradigma-da-sustentabilidade>. Acesso no dia 19 de agosto de 2024.
- HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LARA, Tiago Adão. **A Filosofia Ocidental: do renascimento aos nossos dias**. 7.ed. Petrópolis,RJ: Vozes,2001.
- LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.
- LEFF, Enrique. **Ecologia Política: da desconstrução do capital à territorialização da vida**. Campinas: Editora Unicamp, 2021.
- LOCKE, John. **Segundo Tratado sobre o Governo**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983

MORIN, Edgar. **Os Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2007.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Sustentabilidade: o campo de disputa de nosso futuro civilizacional. In.: LÉNA, Philippe; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. (orgs.). **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, prosperidade e decrescimento**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores para além da formação politécnica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100011>. Acesso em 07 de set. de 2024.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

OLIVEIRA, Erinaldo Silva; PANTOJA, Ana Maria Silva; AZEVEDO, Rosa Oliveira Martins de. A superação do tecnicismo em uma perspectiva de formação humana integral na educação profissional e tecnológica. **Revista Intersaberes**, v. 14, n. 31, p. 389-303, 2019. Disponível em <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/289>. Acesso em: 01 de jun. 2024.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia Antiga**. São Paulo: Paulus. 2003.

SACHS, Ignacy. **A terceira margem: em busca do ecodesenvolvimento**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009a.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Keeping the promise – Anual Report 2023**. Disponível em: [https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/44777/UNEP\\_Annual\\_Report\\_2023.pdf?sequence=19](https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/44777/UNEP_Annual_Report_2023.pdf?sequence=19). Acesso em 11 de set. 2024.